

ENTREVISTA A MARIA LÚCIA GOMES DE MATTOS

(*Diário Comercial*, 17 de novembro de 2000 e no livro *Entrevistas em Destaque*, de Maria Lúcia Gomes de Mattos, Editor e-papers, 2002)

1. COMO E QUANDO ACONTECERAM SEUS PRIMEIROS ESCRITOS POÉTICOS?

Nunca é fácil falar do começo, porque, tão importante quanto o fato de termos começado um dia a escrever, é o de o começo estar sempre presente em tudo o que escrevemos. Cada linha é um começo, cada poema é um começo, cada livro é um começo. Estamos sempre começando e, apesar disso, estamos sempre com as mãos vazias. Clarice dizia que não sabia escrever, senão no momento em que estava escrevendo. Digamos que, para o poeta, o esquecimento é mais importante do que a memória, porque só através dele podemos criar o que ainda não foi criado. E isso significa a presença do começo em cada ponto da caminhada.

2. VOCÊ SE CONSIDERA "LIVRE" SEM NENHUMA LIGAÇÃO A ESCOLAS PÓS-MODERNAS OU VANGUARDISTAS?

A poesia é cheia de esbarros, cheia de conexões com tudo o que nos ajuda a entrar intensamente no movimento necessário à criação. A liberdade, portanto, não me parece estar na ausência de ligações, mas no fato de, com todas as conexões que possamos ter (e podem ser muitas), realizarmos algo que não aceita ser rebocado pelas coisas ou por alguma poética precedente, algo que quer acontecer aqui e agora pela primeira vez, à frente de todas as coisas, implantando uma nova poética, um novo situar-se no mundo.

3. UM POEMA É PARA SER ENTENDIDO OU SENTIDO?

Há nessa pergunta uma colocação de que o entendimento já é algo separado dos sentidos, resultante de uma compreensão dicotômica de nossa maneira de estar no mundo. A singularidade humana me parece ser justamente o fato de termos a linguagem por fundamento. Dessa maneira, nossos sentidos jamais são “puros”, desconectados de algum tipo de compreensão. Há uma mistura imanente entre sensação e entendimento, quer nos damos conta disso no momento em que estamos sentindo alguma coisa ou não. A poesia, para mim, também é essa possibilidade de superação de todas as dicotomias, como entendimento/sentido, palavra/silêncio, transcendência/imanência, vida/morte etc.

4. A POESIA É CRIADA PARA O LEITOR OU SIMPLEMENTE PARA SATISFAÇÃO PESSOAL DO POETA?

Não acho que a poesia seja criada “para” o leitor nem “para” a satisfação pessoal do poeta, ainda que tanto o leitor quanto a satisfação pessoal do poeta, como inúmeros outros acontecimentos, possam fazer parte do caminho da poesia. O que quero dizer é que, se no habitual da vida moderna, há sempre um “para”, um “porque”, um “objetivo” tentando justificar a própria vida, a poesia é uma das raras experiências que mostram que a vida não precisa de justificativa, sendo, portanto, um exercício e uma manifestação da própria liberdade. Assim, a poesia não é criada “para” nada, mesmo que tenha a força para que tudo possa ocorrer a partir de sua instauração.

5. A MUSICALIDADE DAS PALAVRAS DE UM POEMA JUSTIFICA SUA FALTA DE SIGNIFICADO DE CONTEÚDO ?

O poema acata, ou, pelo menos, pode acatar, diversos planos simultâneos. O da musicalidade, o do sentido, o dos arranjos de palavras, o das imagens... Um poeta português, Alberto Pimenta, fez, uma vez, uma performance em que realizou um soneto com figos, dos quais comia alguns, servindo outros à platéia — nesse caso, até o cheiro e o paladar entravam no poema. O privilégio que um poeta quer dar a cada um desses planos depende da ambiência poética na qual ele está se movendo. Costumo achar que o não-significado é tão fundamental para o significado quanto o silêncio para a palavra. Eles fazem parte de uma mesma encruzilhada, não podendo haver um sem que o outro já lhe seja imanente. Ao invés de pensar a partir do *to be or not to be*, teríamos de pensar a partir de *to be and not to be*, na tensão simultânea dessas realizações.

6. UM POEMA PODE SER MAIS LIDO ATRAVÉS DA INTERNET OU PERDE O SEU ENCANTO ?

A internet facilita a velocidade do trânsito, dos encontros. Outro dia, estava lendo um ensaio sobre poesia americana e tinha nele uma referência a uma poeta que achei muito interessante. Descobri um site dela, do qual gravei vários poemas. Depois, ainda pela internet, comprei dois livros dela. Isso acontece muito, com poetas contemporâneos ou quando nos encontramos com os chamados clássicos. Essa facilidade em conseguir o que queremos nos poupa um tempo imenso, apenas isso. Por outro lado, não consigo ler poesia on-line. A lida com a poesia exige um recolhimento que não consigo ter quando conectado. Gravo ou imprimo o que me interessa e leio depois. Mas a poesia, ao invés de perder o seu encanto, está sempre encantando, e, inclusive, subvertendo, o que lhe é aparentemente adverso.